



“Questão Social, Pandemia e Serviço Social: em defesa da vida e de uma educação emancipadora”

Eixo temático: Movimentos Sociais e Serviço Social

Sub-eixo: Serviço Social e Movimentos Sociais: pesquisa teórica e profissional

JESSICA RIBEIRO DUBOC ¹

A TRAJETÓRICA INTELLECTUAL DE KARL MARX: as condições objetivas e subjetivas de um pensamento em formação

RESUMO:

O objeto do presente artigo é a formação do pensamento marxiano, pretende-se demonstrar os quadros históricos, políticos e sociais da trajetória intelectual de Karl Marx. O resultado da análise bibliográfica dos textos marxianos e dos estudiosos da vida e obra de Marx, reforçam o caráter dialético da hercúlea produção que deixou de legado a crítica do modo de produção capitalista, síntese das rupturas e continuidades de um pensamento em formação.

PALAVRAS-CHAVES: jovem Marx; marxismo; materialismo-histórico

ABSTRACT:

The object of this article is the formation of Marx's thought, it is intended to demonstrate the historical, political and social frameworks of Karl Marx's intellectual trajectory.

¹ Estudante de Pós-Graduação. Universidade Federal Do Rio De Janeiro

The result of the bibliographic analysis of Marx's texts and those of scholars of his life and work reinforce the dialectical character of the Herculean production that left a legacy of criticism of the capitalist mode of production, synthesis of the ruptures and continuities of a thought in formation.

KEYWORDS: young Marx; Marxism; historical-materialism

I. INTRODUÇÃO

Pesquisador, militante comunista, economista, filósofo, teórico e etc., são muitos os adjetivos para descrever Karl Marx. Em seus 64 anos de vida Marx produziu um legado teórico e político que inspirou uma série de revoluções no século XX, que diante das revoluções anteriores, possuem uma particularidade histórica, foram forjadas por aqueles que produzem a riqueza de toda a sociedade, o proletariado. Marx, ao revelar a estrutura e a dinâmica do modo de produção capitalista, fornece os elementos que subsidiam a “ação revolucionária dos trabalhadores” (NETTO, 2012, p. 7).

Pela relevância mundial da teoria social de Marx, suas obras foram objetos de

diversas interpretações, críticas, revisões, deformações e etc., tanto pelos seus adversários quanto pelos seus seguidores. No que se diz respeito a tradição marxista, a herança da Segunda Internacional, por um longo período restringiu “o legado marxiano a uma ciência econômica determinista totalmente impermeável à dialética” (FREDERICO, 2009, p. 9). A vulgarização do marxismo se consolidou durante o período stalinista, com a formulação do denominado “marxismo-leninismo”. É justo nesse período que se torna público pela primeira vez algumas obras da juventude de Marx, dentre elas, os Manuscritos Econômico-Filosóficos de 1844 e a Ideologia Alemã. A burocracia stalinista implicou na limitada repercussão desses escritos, como afirma Netto (2015, p. 97) “limitadíssima, quando não quase clandestina”. Somente a partir dos anos de 1950, os temas relativos ao humanismo e em particular, a problemática da alienação, trabalhada por Marx nos Manuscritos de 1844, começam a ser objeto de análise:

A luta contra a concepção burocrático-stalinista do marxismo levou, antes de mais nada, a uma redescoberta e reexame da obra do jovem Marx, que havia sido “esquecida” tanto na época da II Internacional quanto no período de Stalin. A importância dessa redescoberta (que retomava a linha marginal representada nos anos vinte por Lukács e Korsch) não anula o fato de que, em muitos casos, ela conduziu a soluções problemáticas, na medida em que se encaravam os pressupostos do humanismo e a temática da alienação como algo oposto às preocupações científicas do Marx da maturidade (COUTINHO, 1974, p. 9).

Esse tipo de abordagem unilateral produziu uma contraposição entre as obras iniciais de Marx em relação às obras de sua maturidade, na medida em que no sentido contrário, surgem abordagens que não consideram o caráter de um “sistema *in status nascendi*” (MÉSZÁROS, 2016) e privilegiam as obras juvenis de Marx. Nesse quiproquó, a problemática da alienação, principal contribuição marxiana presente nos Manuscritos de 1844 é considerada por um lado como um “resíduo do hegelianismo” e por outro, “o ponto mais significativo da crítica marxiana da sociedade”:

Esta arbitrária e artificial contraposição [entre o jovem Marx e o Marx maduro] foi alimentada tanto por aqueles que preferiram o Marx das obras de juventude e as obras filosóficas (por exemplo, a grande parte dos existencialistas), como por aqueles (entre estes Louis Althusser e quase todos os marxistas soviéticos) que afirmavam que o verdadeiro Marx seria somente aquele de *O Capital*. Aqueles que aderiram a primeira tese consideraram a teoria da alienação contida nos

[*Manuscritos econômico-filosóficos de 1844*] o ponto mais significativo da crítica marxiana da sociedade enquanto aqueles que abraçaram a segunda hipótese mostraram, frequentemente, uma verdadeira e própria 'fobia da alienação'; tentando, em um primeiro momento, minimizar a sua importância e, quando isto não foi mais possível, considerando o tema da alienação como 'um pecado de juventude, um resíduo de hegelianismo', mais tarde abandonado por Marx (MUSTO, 2014, p. 73).

A dicotomia entre jovem Marx x Marx maduro, longe de ser superada é constantemente reatualizada no âmbito da tradição marxista. Neste sentido, o presente trabalho tem como objetivo compreender os processos históricos e políticos nos quais se estruturaram as bases materiais que condicionaram o desenvolvimento do pensamento marxiano, compreendo-o enquanto um processo dialético, de conservação e superação. Nossa análise se debruça sobre os períodos iniciais dos estudos marxianos, momento em que nosso autor se defronta com as principais questões de ordem teórica e prático-político que o levariam à formulação daquilo que se consolida como o "fio condutor" dos seus estudos, a concepção materialista da história. Partimos do pressuposto de que se para Marx não é a consciência que explica o ser social, mas ao contrário, é o ser social que explica a consciência, essa mesma premissa deve ser considerada na análise da sua evolução teórica.

Logo, "inserir essa evolução na totalidade histórico-social da qual ela faz parte, nos quadros sociais que a condicionam: a sociedade capitalista do século XIX, o movimento operário anterior a 1848, a *intelligentsia* neo-hegeliana etc" não significa dizer que "a evolução no pensamento do jovem Marx é um simples 'reflexo' dessas condições econômicas, sociais, políticas, mas ela não pode ser 'explicada' em sua gênese e 'compreendida' em seu conteúdo sem essa análise sócio-histórica" (LOWY, 2012, p. 31).

II. O JOVEM MARX: UM PENSAMENTO EM DESENVOLVIMENTO

Nos seus primeiros estudos como pesquisador, Marx disserta sobre as filosofias da natureza em Demócrito e Epicuro², a partir de uma visível influência de

²Lukács (2012, p.14), identifica nesse estágio inicial da produção teórica de Marx, embriões daquilo que posteriormente constituiria a concepção materialista da história, segundo o autor: "Marx coloca já aqui, portanto, um problema que, mais tarde, quando se tornar economista e materialista, terá grande importância: a função prático-social de determinadas formas de consciência, independentemente do fato de que elas, no plano ontológico geral, sejam falsas ou verdadeiras. Esses raciocínios, relevantes para o desenvolvimento posterior do

Hegel, devido a sua aproximação com alguns intelectuais da “esquerda hegeliana”³. O seu interesse pela filosofia foi estimulado por Bruno Bauer, que lhe recomenda a carreira universitária (NETTO, 2012).

O ingresso de Marx na carreira acadêmica é interrompido em 1840, com a ascensão de Frederico Guilherme IV ao trono da Prússia, resultando em uma ofensiva reacionária do Estado contra o pensamento progressista da época, inclusos aqui os hegelianos de esquerda. Como expressão da ação da coroa ocorreu a interdição da revista de tendência hegeliana *Anais de Halle* e a exoneração dos professores hegelianos (entre eles Bruno Bauer) das universidades. Frente à perseguição do governo prussiano, a juventude hegeliana se viu diante da possibilidade de aliar-se a uma classe social “potente por meio de um movimento político concreto, capaz de resistir ao absolutismo prussiano” – os liberais renanos. Ao que se refere ao pensamento de Marx, esse momento foi decisivo, pois ele “[...] só se lançou no jornalismo e na vida política depois da exoneração de Bauer” (LOWY, 2012, p.54).

Assim “ao consumir a ruptura entre o neo-hegelianismo e o governo, e ao fechar as portas da universidade para eles, essa mesma medida forçou a filosofia a ‘instalar-se nos jornais’, a ‘tornar-se profana’ e ocupar-se de problemas políticos e sociais concretos”. A fundação da Gazeta Renana é expressão desse movimento que marca a entrada de Marx na vida política (LOWY, 2012, p. 55).

No “*Prefácio da Contribuição à crítica da economia política*”, Marx afirma que foi como redator da Gazeta Renana que se encontrou “pela primeira vez, na embaraçosa obrigação de ter de opinar sobre os chamados interesses materiais” e começou a ocupar-se “das questões econômicas”, entre elas, a lei sobre o roubo das madeiras e das condições de existência dos camponeses da Mosela (MARX,

pensamento de Marx, são integrados de modo interessante em sua crítica a Kant. Esse contestara a chamada prova ontológica de um ponto de vista lógico-gnosiológico, cortando qualquer vinculação necessária entre representação e realidade, negando de modo absoluto todo caráter ontologicamente relevante do conteúdo. O jovem Marx não aceita essa posição [...]”.

3 À época, a Alemanha, sem experimentar as transformações próprias à revolução burguesa, não se erguera como um Estado nacional moderno: a confederação Germânica, sob o comando da Prússia, era um conjunto de quase quatro dezenas de Estados, com sistemas de representação política diversificado e restritivos, ausência de laicização, burocracias de raiz feudal e submetida à dominação da nobreza fundiária. Esse atraso – a ‘miséria alemã’, notável quando se comparava a persistência do Antigo Regime na Confederação Germânica com a nova ordem social que se consolidava na França, na Inglaterra, na Bélgica e nos Estados Unidos – contrastava com a grandeza da sua filosofia clássica, que culminara na obra de Hegel (1770-1831). (NETTO, 2012, p. 8-9).

2008).

Lowy (2012) destaca que apesar do ingresso de Marx à redação da Gazeta Renana ao lado dos liberais burgueses, a distância que os separavam estava visível nos primeiros artigos publicados pelo autor, entre eles o artigo acerca do furto de madeira. Neste primeiro momento, Marx enxergava na miséria do camponês somente o seu lado passivo (a penúria, as carências, o sofrimento). Entretanto, ali já observava nos “pobres” certas características essenciais, que também pertencem ao proletariado, apesar de até então, essa última palavra não aparecer nos escritos marxianos durante a Gazeta⁴ (LOWY, 2012, p. 61). Marx, em 1842, ainda não havia desenvolvido todas as implicações e constatações que o levariam ao proletariado e também, posteriormente, ao comunismo. No início de 1843, surgem as primeiras referências à teóricos comunistas, entre eles Proudhon e Dézamy, que segundo Lowy (2012, p. 63) parecem ser os únicos comunistas que podemos afirmar que foram lidos por Marx na Gazeta Renana.

No campo da tradição marxista, o período supracitado é contornado por polêmicas, dentre elas encontramos aqueles que procuram nos textos juvenis “os traços constitutivos do futuro desenvolvimento teórico do autor” ou alguma “irrupção germinal do pensamento marxiano”. Tanto Lowy (2012) quanto Lukács (2009) evidenciam que durante o breve período em que Marx trabalhou na Gazeta Renana ele ainda estava inspirado no método idealista alemão, apesar de que ali “já existia uma enorme distância do jovem Marx em relação à Hegel”. A interpretação de Chasin (2009, p. 45) considera que entre a tese doutoral e os escritos de Marx na Gazeta Renana, ou seja, entre 1841 e meados de 1842 “compreende o período inicial e não marxiano da elaboração teórica de Marx”, uma vez que Marx ainda estava vinculado com o idealismo ativo “próprio dos neo-hegelianos” e por essa razão, os escritos dessa fase são designados como a uma “obra juvenil”. Segundo o autor, as reflexões de Marx durante a estada na Gazeta Renana, correspondem à vertente clássica “que identifica na política e no Estado a própria realização do humano e de sua racionalidade”. Nas palavras do autor: “Em suma, à época, Marx

4 Segundo Lowy (2012, p. 61), a palavra “proletariado” não aparece nos artigos de Marx publicados pela Gazeta. Tal ausência não é ocasional, ela corresponde ao contexto histórico no qual Marx estava inserido, que demarca o incipiente desenvolvimento capitalista alemão, destacado na nota anterior.

estava vinculado às estruturas tradicionais da filosofia política, ou seja, à determinação ontopositiva da politicidade, o que o atava a uma das inclinações mais fortes e características do movimento dos jovens hegelianos” (CHASIN, 2009, p. 49).

Para Lowy (2012, p. 59), em 1842, Marx permanecia ligado à concepção hegeliana de Estado racional, porém, por meio da crítica ao Estado prussiano, ele envereda para o caminho que o levará à ruptura total com Hegel em 1843. Já Lukács (2009, p. 137) enfatiza que, neste momento “[...] a ideia do Estado – é completamente diversa daquela de Hegel, mais precisamente, contrapõe-se à ideia hegeliana do Estado”. E afirma:

De particular destaque é a luta que o jovem Marx travou a favor dos direitos das massas populares oprimidas, embora certamente como democrata radical e não ainda como socialista. Neste caso, manifestou-se de modo particularmente evidente como sua concepção de Estado e do direito, embora ainda idealista, já era oposta à defendida por Hegel. (LUKÁCS, 2009, p.139)

O ano de 1843 foi decisivo, principalmente pela ruptura definitiva dos jovens hegelianos com o Estado prussiano e, também, com o liberalismo burguês. A experiência da luta contra a censura, o caráter reacionário do Estado e “o espírito mesquinho e limitado da burocracia” revelou-se de modo particularmente brutal com a interdição da Gazeta Renana e a reação silenciosa e pacífica dos liberais burgueses. Os jovens hegelianos de esquerda indignados perante a traição dos “frouxos liberais” chegaram a conclusão de que a burguesia alemã era incapaz de se tornar a classe revolucionária e libertar a Alemanha (LOWY, 2012). Vale ressaltar, que as contradições que se expressavam dentro da Gazeta Renana, assim como as concessões à censura por meio da moderação dos conteúdos publicados, conduziram Marx a abandonar a redação do jornal dias antes da sua interdição (IDEM, IBIDEM).⁵

De acordo com Márkus (1974, p. 23),

Na época de sua colaboração para a “Rheinische Zeitung”, suas ilusões políticas são destruídas. O jovem Marx supusera que tão-somente no Estado as partes materiais podiam se articular entre si enquanto membros de uma totalidade espiritual; supusera também que apenas no Estado o todo social podia assumir um gênero de vida de tal tipo que, ao dele participar, o homem se tornasse

5 O próprio Marx (2008, p.46), no prefácio citado anteriormente, afirma que aproveitou “avidamente a ilusão dos gerentes da Gazeta Renana, que acreditavam que, suavizando a atitude do periódico, conseguiriam a revogação da sentença de morte já decretada contra ele, para retirar-me da cena pública para meu quarto de estudo”.

verdadeiramente homem. Entre os problemas da vida econômica, interessa a Marx tão-somente uma certa limitação, politicamente alcançada, da propriedade privada, de modo a evitar — através dessa medida — o enrijecimento da estratificação social. A essência do seu programa social, portanto, consiste na transformação radical do Estado em sentido democrático-jacobino. Mas, durante a sua atividade jornalística, no contato imediato com a realidade social, começam a se lhe tornar claras tanto a maior complexidade das relações entre política e economia, quanto o domínio dos fenômenos econômicos sobre os políticos.

Assim, em 1843, “com a necessidade de penetrar teoricamente nos problemas sociais que havia enfrentado em sua atividade jornalista, Marx voltou novamente a colocar no centro de seus interesses o necessário enfrentamento crítico com sua própria base filosófica, ou seja, com a filosofia de Hegel” (LUKÁCS, 2009, p. 141).

A obra *Crítica da filosofia do direito de Hegel*, trabalho cuja introdução veio a lume em 1844, nos Anais Franco-Alemães⁶ foi a primeira publicação de Marx ao se retirar da cena pública com o objetivo de resolver as dúvidas que o “assaltavam”. O filósofo alemão, referindo se a esse texto afirma:

Minhas investigações me conduziram ao seguinte resultado: as relações jurídicas, bem como as formas do Estado, não podem ser explicadas por si mesmas, nem pela chamada evolução geral do espírito humano; essas relações têm, ao contrário, suas raízes nas condições materiais de existência em suas totalidades, condições estas que Hegel, a exemplo dos ingleses e dos franceses do século XVIII, compreendia sob o nome de “sociedade civil” (MARX, 2008, p. 47).

Para Lukács (2009,p.146), os manuscritos de 1843 constituem o primeiro passo em direção ao materialismo dialético, aqui “já era claro o caminho que ele queria trilhar: a crítica do direito natural de Hegel devia ir além do tema enquanto tal e, sobretudo, devia trazer à luz a contraditoriedade da lógica da dialética idealista”. Sob influência de Feuerbach, “Marx pode agora realizar este programa com base no único fundamento historicamente possível: recolhendo e desenvolvendo os argumentos materialistas da crítica feuerbachiana a Hegel[...]”. O caminho que levará Marx ao comunismo, se situa entre a ruptura com a burguesia liberal no início de 1843 e a “descoberta” do proletariado em 1844, momento fundamental

6 Neste ponto é necessário um adendo: A “Crítica a filosofia do direito de Hegel” e “Crítica da filosofia do direito de Hegel – Introdução” são textos escritos separadamente, o primeiro foi escrito em meados de 1843 e o segundo em janeiro de 1844.

na trajetória política e teórica de Marx.

Nesse período, Marx inicia o artigo “Sobre a questão judaica” e o finaliza em Paris. O artigo foi o primeiro trabalho publicado nos Anais-Franco Alemães. Esse texto representa o momento em que a evolução ideológica de Marx chega ao “comunismo filosófico” de Moses Hess. Porém, o comunismo que Marx conheceu a partir de Moses Hess ainda é uma reinterpretação do comunismo francês, dado que na Alemanha a ausência do movimento operário não oferecia as condições objetivas e materiais para o surgimento de correntes comunistas próprias. Dessa forma, o artigo possui caráter abstrato e filosófico, na medida em que não “destina a tarefa da emancipação humana a nenhuma classe social e concreta; o proletariado está ausente”. É no segundo artigo publicado nos Anais, a “Crítica da filosofia do direito de Hegel – Introdução” - que conforme apontamos, se refere à introdução do artigo elaborado em 1843 – que Marx “descobre” o proletariado como classe emancipadora (LOWY, 2012).

Na “Introdução”, Marx enfrenta o antigo questionamento que lhe afrontava desde a saída da Gazeta Renana: “Onde se encontra, então, a possibilidade *positiva* de emancipação alemã?” (MARX, 2010a, p. 156, grifos do autor),

Eis a nossa resposta: na formação de uma classe com *grilhões radicais*, de uma classe da sociedade civil que não seja uma classe da sociedade civil, de um estamento que seja a dissolução de todos os estamentos, de uma esfera que possua um caráter universal mediante seus sofrimentos universais e que não reivindique nenhum *direito particular* porque contra ela não se comete uma *injustiça particular*, mas a *injustiça por excelência*, que já não possa exigir um título *histórico*, mas apenas o título *humano*, que não se encontre numa oposição unilateral às consequências, mas numa oposição abrangente aos pressupostos do sistema político alemão; uma esfera, por fim, que não pode se emancipar sem se emancipar de todas as outras esferas da sociedade e, com isso, sem emancipar todas essas esferas – uma esfera que é, numa palavra, a *perda total* da humanidade e que, portanto, só pode ganhar a si mesma por um *reganho total* do homem. Tal dissolução da sociedade, como um estamento particular, é o *proletariado* (MARX, 2010a, p. 156, grifos do autor).

Mas, deve-se destacar que essa “descoberta” do proletariado é ainda uma descoberta filosófica:

É claro que, desde sua chegada a Paris, Marx é “tomado” pelo movimento operário comunista, e o segundo artigo dos Anais [...] é a expressão do verdadeiro “choque ideológico” produzido por aquela primeira impressão. Mas nessa época, a experiência que ele tinha do movimento era muito restrita: ele ainda não entrara em contato direto com as sociedades secretas – segundo os testemunhos, esses contatos começaram apenas depois da publicação dos Anais (LOWY, 2012, p. 83).

Os textos presentes nos Anais franco-alemães (1843/1844) “refletem a crescente

tomada de consciência da importância da luta revolucionária das massas, até chegar à definitiva e clara orientação no sentido do papel central do proletariado”, o que permite Marx atingir o ponto de vista de classe que viabiliza a fundação do “materialismo histórico e dialético” (LUKÁCS, 2009, p.157). De acordo com Chasin (2009, p.60), na “Introdução”, a “terrenalidade” – que nada mais é do que a transformação da “crítica do céu” em “crítica da terra” – “arma o esquadro desse artigo com toda sua envergadura, evidenciando a linha de força da nascente ontologia marxiana”.

Portanto, a “Introdução” se constitui como “o ponto de partida de uma evolução político-ideológica intimamente ligada a uma reflexão sobre o movimento operário europeu e, ao mesmo tempo, o ponto de chegada de uma evolução filosófica” (LOWY, 2012, p. 91).

A trajetória do jovem Marx atinge seu termo: a filosofia crítica, deixando de se considerar como um fim em si, volta-se para a prática. Ela busca uma base concreta, acredita encontrá-la na burguesia, mas logo se decepciona. Enfim, descobre no proletariado a classe universal emancipadora e suas armas materiais (LOWY, 2012, p. 91).

Entretanto, Lowy (IDEM, p.92,94) ressalta que neste artigo, “[...] o proletariado é considerado apenas por seus sofrimentos e carências, como uma ‘base material’, como o ‘elemento passivo’ da revolução, que serve de arma material a filosofia [...]”, como podemos verificar na seguinte passagem:

Assim como a filosofia encontra suas armas *materiais* no proletariado, o proletariado encontra na filosofia suas armas *espirituais*, e tão logo o relâmpago do pensamento tenha penetrado profundamente nesse ingênuo solo do povo, a emancipação dos alemães em *homens* se completará. [...] A *emancipação do alemão* é a *emancipação do homem*. A *cabeça* dessa emancipação é a *filosofia*, o *proletariado* é seu coração. A filosofia não pode se efetivar sem a *suprassunção* [*Aufhebung*] do proletariado, o proletariado não pode se *suprassumir* sem a *efetivação* da filosofia (MARX, 2010a, p. 156-157, grifos do autor).

A superação dessa concepção se daria em poucos meses, depois do contato direto de Marx com o movimento operário.

É importante destacar que, já em 1843, revela-se que o materialismo dialético desenvolvido por Marx não é de modo algum uma “síntese eclética de dialética hegeliana e materialismo feuerbachiano”, mas ao contrário, que “a inversão da

filosofia hegeliana, a ‘colocação sobre os próprios pés’ do que estava de cabeça para baixo modificou qualitativa e fundamentalmente a dialética enquanto tal” – ainda que no início de 1843 essa concepção marxiana não esteja constituída (LUKÁCS, 2009, p. 150). Por hora, torna-se necessário destacar que as descobertas marxianas durante a elaboração dos artigos para os Anais “teve como consequência que, a partir de então, se tornou necessário submeter à crítica o próprio mundo invertido, ou seja, a sociedade burguesa” (LÚKACS, 2009, p. 173)”, isto é, Marx (2008) chega à conclusão “que a anatomia da sociedade civil precisa ser procurada na economia política”.

A estada de Marx na cidade de Paris proporcionou o que até então ele não encontrou na Alemanha, o contato com os operários organizados. Segundo Netto (2015, p. 20), Paris, nos anos de 1840, é “a caixa de ressonância das lutas sociais que pipocam por todo o país”. Foi neste contexto que Marx conheceu “o mundo dos trabalhadores”. O contato com os trabalhadores impactou fundamentalmente suas elaborações teóricas, assim como o seu posicionamento político.

Para Netto (2015, p. 24):

[...] a expressão dessa sociabilidade na elaboração teórica se deve, antes de mais, porque a estância em Paris – especialmente este primeiro semestre de 1844 – permite a ele começar a estabelecer com o proletariado a mencionada relação prático-política coincidentemente com a abertura dos seus estudos econômico-políticos. [...] Aquela relação e este estudo confluem na sua opção revolucionária: no curso deste semestre, o democrata radical tornou-se comunista.

De acordo com Lowy (2012) e Lukács (2009) o primeiro contato de Marx com os artesãos da Liga dos Justos em Paris data de abril – maio de 1844. Em uma carta destinada à Feuerbach em 11 de agosto de 1844, Marx revela as suas primeiras impressões acerca do proletariado francês, onde ele fala da “nobreza dos homens sobrecarregados pelo trabalho” (MARX, 1987).

O interesse de Marx pela economia política, já na capital francesa, foi estimulado pelo “genial” artigo de Engels publicado nos Anais, em fevereiro de 1844, intitulado “Esboço de uma crítica da economia política”. Influenciado por essa obra, o filósofo alemão intensificou as suas leituras sobre os clássicos da economia política. É a partir dos apontamentos realizados durante o primeiro semestre de 1844, que

Marx escreve os *Cadernos de Paris* e os *Manuscritos Econômico-Filosóficos*⁷..

De acordo com Netto (2015, p. 10) “este intenso trabalho teórico, realizado fundamentalmente no primeiro semestre de 1844 em estreita relação com o seu contato com o mundo proletário, resultará numa grande e profunda inflexão no pensamento de Marx”. Os conjuntos de textos referentes a esse período revelam um pensamento em trânsito da filosofia à crítica da economia política (NETTO, 2015). Nesse mesmo sentido, Mandel (1968, p. 159) qualifica os *Manuscritos de 1844* como “um fascinante encontro entre a Filosofia e a Economia Política” onde “elementos do passado combinam-se, necessariamente, com elementos do futuro”.

Segundo Netto (2015), Marx encontra nos Cadernos de Paris um núcleo teórico que acompanhará a sua reflexão posterior dos *Manuscritos*, a saber, a *problemática da alienação*. Mészáros (2016, p. 216) indica que,

O Marx dos Manuscritos de 1844 deu um grande passo adiante [...] ao reconhecer que a chave para toda a alienação – religiosa, jurídica, moral, artística, política etc. – é o “trabalho alienado”, a forma alienada da atividade produtiva, prática do ser humano, ele pôde colocar sua concepção inteira sobre uma base firme.

Segundo Vásquez (2007, p. 124), nos *Manuscritos*, Marx enriquece o conteúdo da práxis social, na medida em que “a atividade produtiva é uma práxis que, por um lado, cria um mundo de objetos humanos, ou humanizados, mas ao mesmo tempo produz um mundo de objetos nos quais os homens não se reconhecem e que, inclusive, se voltam contra ele”.

Assim, Marx confere à alienação um papel central nas suas análises introdutórias acerca da economia política, fundando a teoria marxiana da alienação a partir da categoria do trabalho alienado. Porém, a problemática da alienação em Marx não se esgota nos Manuscritos. Em função das descobertas realizadas pelo autor no aprofundamento da sua crítica à economia política, a teoria da alienação é enriquecida, adquirindo uma forma “muito mais determinada e concretizada historicamente” nas análises sobre *fetichismo* da mercadoria (NETTO, 2015, p. 56). Agora, nos interessa observar o caminho teórico de Marx até a culminação da sua concepção da história⁸.

Nos textos que compreendem os *Manuscritos*, observamos também o

7 Tais obras só vieram à público pela primeira vez, na edição russa, em 1927 e, em 1932, a versão completa em alemão, francês e russo.

desenvolvimento da concepção marxiana de “comunismo”. Aqui, o “comunismo filosófico” que Marx se aproximara nos meses anteriores, é apresentado de forma crítica (LOWY, 2012). Nesse momento, o comunismo, para Marx, é a superação prática da propriedade privada e, logo, a superação da alienação. Observa-se que a compreensão da necessidade *prática* de uma transformação que, posteriormente, adquire maior concretude nos escritos da *Ideologia Alemã*, já aparece em contraste com as concepções idealistas. Neste sentido, para Lukács (2009, p.187) os *Manuscritos* representam a superação decisiva do idealismo de Hegel, assim como, os erros lógicos “que derivam do caráter idealista da dialética hegeliana”.

Concomitantemente, em julho de 1844, Marx escreve um artigo para o periódico “Vorwärts” de importante significado na sua trajetória⁹, as “Glosas críticas ao artigo ‘Rei da Prússia e a reforma social. De um Prussiano’”. Trata da crítica de Marx ao artigo de Arnold Ruge “O rei da Prússia e a reforma social. De um prussiano”. Os textos se referem à revolta dos tecelões da Silésia, em junho de 1844, evento que “marcou a entrada da classe operária alemã na cena histórica” (LOWY, 2012, p. 120). A revolta dos tecelões da Silésia revelou, para Marx, o “caráter teórico e consciente” do proletariado, na medida em que “a revolta não estava voltada diretamente contra o rei da Prússia, mas contra a burguesia” (MARX, 2010b, p.27). No próprio decorrer da história, em poucos meses, a realidade aos olhos de Marx comprova aquilo que na “Introdução” aparecia apenas de forma abstrata: a Alemanha “somente no proletariado encontrará o elemento ativo de sua libertação” (MARX, 2010b, p.46).

Podemos perceber que a trajetória teórica de Marx não pode ser compreendida de forma isolada dos acontecimentos históricos que possibilitaram o nosso pensador apreender o movimento real da sociedade burguesa e da luta de classes. A própria evolução do pensamento marxiano nos permite entender a forma como as relações sociais determinam a consciência e, logo, a produção teórica. Por isso, a teoria de Marx, em sua totalidade, deve ser compreendida a partir das condições históricas, objetivas e subjetivas, que ofereceram os elementos

9 Segundo Lowy (2012, p.128), aqui “inicia uma nova fase no movimento do pensamento de Marx, fase em que se constitui sua teoria da autoemancipação revolucionária do proletariado”.

necessários para a sua formulação.

Assim como Mészáros (2011), concordamos que,

[...] é impossível imaginar até mesmo simples esboço da abordagem marxiana, para não falar de suas coerentes realizações sintetizadoras, sem o estágio antes inimaginável na luta de classes historicamente em desenvolvimento – caracterizada na época pela explosão dos antagonismos estruturais cada vez mais profundos do sistema, na forma de revoluções por toda Europa [...] (MÉSZÁROS, 2011, p. 144).

Portanto, ao observar a revolta dos tecelões da Silésia, Marx compreende o proletariado como o “elemento ativo” da revolução e sinaliza os principais traços da crítica que, posteriormente, aparece de forma mais precisa nas *Teses sobre Feuerbach*.

A crítica radical e explícita desse universo será levada a cabo em seus escritos posteriores, de *A Sagrada família* até *A Ideologia Alemã*; mas as “Glosas Críticas” de agosto de 1844 já representam a ruptura implícita: fundamentadas num acontecimento revolucionário real, elas põem em questão não somente a filosofia hegeliana do Estado – o que os artigos dos *Anais* já haviam feito -, mas também a concepção feuerbachiana das relações entre a filosofia e o mundo, a teoria e a prática (LOWY, 2012, p. 133).

Segundo Lowy (2012, p. 134), *A Sagrada Família* – primeira obra construída por Marx e Engels em agosto e setembro de 1844 –, “continua e aprofunda as ideias esboçadas no *Vorwärts* para redundar numa verdadeira ‘autocrítica’ da ‘Crítica da filosofia do direito de Hegel – Introdução’”, na medida em que Marx combate diretamente a concepção de ‘Bauer e seus consortes’ que “enxergam na ‘massa’ o elemento material, passivo e na ‘crítica’, o elemento ativo do qual parte toda a ação histórica”(MARX, 2011,p. 104).

Marx, a partir de 1843 – considerando os quadros históricos, conforme citamos – começa a elaborar o que seria a sua concepção materialista da história e a enfatizar o caráter “prático” das revoluções, superando a sua base filosófica anterior.

Em *A Sagrada Família*, está contida os traços gerais da concepção histórica de Marx, mas a sua forma peremptória, que servirá de “fio condutor” para os seus estudos futuros, só estará presente n’*A ideologia alemã*. Entre uma obra e outra (*A*

sagrada família e A ideologia alemã), Marx escreve o texto que representa a sua ruptura definitiva com Feuerbach e que, portanto, é uma “prévia” da profunda crítica ao materialismo feuerbachiano levada a cabo n’A Ideologia. As *Teses sobre Feuerbach* expressam o contato de Marx com o movimento operário e o impacto da revolta dos tecelões, que a partir da confirmação contida no artigo do Vowarts, de que o proletariado será o elemento ativo da revolução, ele descobre “na prática revolucionária [tese 3] o protótipo da verdadeira atividade humana, que não é puramente ‘teórica’ nem egoistamente passiva, mas objetiva e crítico-prática” (LOWY, 2012, p. 142). Sendo assim, o caminho traçado por Marx de 1842 à 1844 – do radicalismo democrático ao comunismo – implicou na culminação da sua crítica concisa ao idealismo alemão e portanto, da superação da mesma.

É na primavera de 1845, instalados em Bruxelas, que Karl Marx e Friedrich Engels iniciam a confecção da “*A Ideologia Alemã*”. Marx, posteriormente no prefácio da “*Contribuição à crítica da Economia Política*” de 1859, ao relatar sobre a trajetória dos seus estudos, afirma que as reflexões desenvolvidas ao longo de 1845 e 1846 tinham por objetivo “opor o ponto de vista ideológico da filosofia alemã” e romper com a “consciência filosófica anterior”, isto é, com o hegelianismo.

No mesmo prefácio, o autor afirma:

O resultado geral a que cheguei e que, uma vez obtido, *serviu de fio condutor aos meus estudos*, pode resumir-se assim: na produção social da sua vida, os homens contraem determinadas relações necessárias e independentes da sua vontade, relações de produção que correspondem a uma determinada fase de desenvolvimento das suas forças produtivas materiais [...] O modo de produção da vida material condiciona o processo da vida social, política e espiritual em geral. *Não é a consciência do homem que determina o seu ser, mas, pelo contrário, o seu ser social é que determina a sua consciência.* (MARX, 2008, p.47, grifos nossos).

Apesar da relevância da obra, a mesma foi entregue durante anos à “crítica roedora dos ratos” por conta das “circunstâncias imprevistas que impediam a sua publicação” na época. Marx e Engels não lamentaram o fato dos manuscritos não serem publicados, na medida em que objetivo principal de esclarecer as suas próprias ideias, já estava alcançado (MARX, 2008).

De acordo com Mandel (1967, p .38) “*A Ideologia Alemã* a obra filosófica principal que Marx e Engels terminam em Bruxelas em 1846, funda a teoria do materialismo histórico sobre uma superação sistemática da Filosofia pós-hegeliana alemã”.

Dessa forma, em 1845, os nossos autores elaboram àquela compreensão que os acompanhará nos seus escritos posteriores e, também, na sua prática política, qual seja: a superação da propriedade privada e logo, da alienação, só se efetivará, por meio de um movimento prático, de uma revolução comunista, em que:

A dependência *multifacetada*, essa forma natural da cooperação *histórico-mundial* dos indivíduos, é transformada[...] no controle e domínio consciente desses poderes, que, criados pela atuação recíproca dos homens, a eles se impuseram como poderes completamente estranhos e os dominaram (MARX;ENGELS, 2007, p.41, grifos do autor).

Em *O Capital*, Marx retoma essa compreensão ao analisar o fetiche da mercadoria: “a figura do processo social de vida, isto é, do processo material de produção, só se livra de seu místico véu de névoa quando, como *produto de homens livremente socializados*, encontra-se sob seu *controle consciente e planejado*” (MARX, 2013, p. 154, grifos nossos). Na obra que releva a síntese das múltiplas determinações do modo de produção capitalista, Marx expõe o processo em que a origem do mais-valor na exploração da força de trabalho, isto é, na apropriação de trabalho não pago, enquanto determinação essencial do modo de produção capitalista, por meio dos mecanismos próprios da produção e reprodução do capital, da dialética entre a produção e a apropriação do mais-valor, adquire um caráter cada vez mais mistificado – e alienado - nas diversas formas que o valor expresso na trindade econômica: juros, renda e salário (MARX, 2017)

III. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em nosso trabalho, procuramos apresentar algumas interpretações sobre a trajetória de Marx, ressaltando o caráter dialético da formação do seu pensamento, principalmente, nos primeiros anos da década 1840.

A compreensão da trajetória de Marx, a partir da perspectiva teórica por ele elaborada, conseqüentemente, nos leva a rejeitar a dicotomia entre “jovem Marx x Marx maduro”, mas isso não nos remete à rejeição do próprio desenvolvimento intelectual de Marx. Consideramos que formação do pensamento marxiano de superação e continuidade, correspondente ao desenvolvimento não só das condições subjetivas, mas também das condições objetivas no qual Marx estava inserido.

Vimos que a atividade jornalística de Marx o colocou na difícil tarefa de lidar com as “questões materiais”, ao se deparar com a cruel realidade burguesa que se consolidava na Inglaterra e na França e com o anacronismo alemão, onde as contradições do modo de produção capitalista se desenvolviam incipientemente. Para a resolução das “dúvidas que o assaltavam” (MARX, 2008), nosso autor – ainda que do ponto de vista de um *democrata radical* - se empenhou em revisar a filosofia do direito de Hegel, que demonstrou ser insuficiente para estabelecer a crítica ao modo de produção capitalista e ao Estado burguês que ali se consolidava – o caso do furto de lenhas é primordial neste processo. De acordo com Lukács (2009, p.146), os manuscritos de 1843 constituem o *primeiro passo* em direção ao materialismo dialético, aqui “já era claro o caminho que ele queria trilhar: a crítica do direito natural de Hegel devia ir além do tema enquanto tal e, sobretudo, devia trazer à luz a contraditoriedade da lógica da dialética idealista”. Nesse momento, Marx encontra no proletariado a possibilidade da emancipação alemã, que até então não alcançara o nível de desenvolvimento das “nações modernas”. Essa descoberta, ainda que filosófica, adquire em 1844, com a chegada de Marx à Paris, o seu caráter material, onde o nosso autor estabelece contato direto com os operários franceses. Segundo Netto (2015, p. 22), neste período está o passo inicial e decisivo para a trajetória intelectual do nosso autor, pois foi neste primeiro semestre de 1844 que Marx “descobriu o mundo dos trabalhadores”.

O período de Marx na França, que durou até 1845, foi decisivo no que se refere à definição da direção teórica e política que orientou as futuras obras marxianas e a fundação da sua teoria social revolucionária. Este período é marcado pela aproximação de Marx com a classe operária francesa, a sua adesão ao comunismo e início da sua amizade com Friedrich Engels, que desdobrou em uma grande parceria teórica.

Os Manuscritos de 1844 é a obra que expressa essa inflexão no pensamento marxiano, pois reflete a aproximação de Marx com os clássicos da economia política e que “cuja originalidade inovadora reside, não em último lugar, no fato de que, pela primeira vez na história da filosofia, as categorias econômicas aparecem como as categorias da produção e da reprodução da vida humana, tornando assim possível

uma descrição ontológica do ser social sobre bases materialistas (LUKÁCS, 2012, p. 14).

Obviamente, a trajetória intelectual do nosso autor não se esgota neste período, pelo contrário, a partir de 1844, com 26 anos, Marx se concentrará em apreender a estrutura e a dinâmica do seu objeto – que após quase três décadas de pesquisa, resultará na “obra da sua vida”: *O capital*.

Dessa forma, no caminho contrário de alguns marxistas, que chegam a afirmar que Marx abandonou¹⁰ as categorias presentes em suas obras juvenis, concebemos que elas persistem “no desenvolvimento posterior de todo o pensamento de Marx” (KONDER, 2009, p. 38). Entretanto, para fazer jus à totalidade da produção teórica marxiana, é necessário considerar as devidas limitações naturais de um pensamento em formação. Os estudos desse período refletem a primeira aproximação de Marx com os clássicos da economia política, ele ainda não se apropriara das categorias econômicas e suas conexões. Refletem também o estágio do desenvolvimento do modo de produção capitalista que Marx vivenciou na década de 1840, onde as relações sociais burguesas careciam da universalização e desenvolvimento das suas “múltiplas determinações” da produção capitalista, limitadas a algumas formações sociais específicas, como a Inglaterra, objeto de análise do O Capital.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CHASIN, José. *Marx: estatuto ontológico e resolução metodológica*. São Paulo: Boitempo, 2009.

COUTINHO, Carlos Nelson. *Introdução: Teoria do Conhecimento no Jovem Marx*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1974.

FREDERICO, Celso. *O jovem Marx: 1843-1844 as origens da ontologia do ser social*. São Paulo: Expressão Popular, 2009.

KONDER, Leandro. *Marxismo e alienação: contribuição para um estudo do conceito marxista de alienação*. São Paulo: Editora Expressão Popular, 2009.

LOWY, Michael. *A teoria da revolução no jovem Marx*. São Paulo: Boitempo, 2012

LUKÁCS, Gyorgy. *O jovem Marx e outros escritos de filosofia*. COUTINHO, Carlos

¹⁰ Um exemplo recente é a afirmação de Boito Jr (2014, p. 151), para o qual, os conceitos presentes nos escritos de 1843 e 1844 entre eles o de “Estado político, emancipação política, emancipação humana, alienação e seus correlatos [...] são, de fato, pré-marxistas”.

- Nelson; NETTO, José Paulo (Org.). 2.ed., Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2009
- _____, György. *Para uma ontologia do ser social I*. São Paulo : Boitempo, 2012.
- MANDEL, Ernest. *A formação do Pensamento Econômico de Karl Marx: de 1843 até a redação de O Capital*. Rio de Janeiro: Zahar editores, 1968.
- MARX, Karl. *Contribuição à crítica da economia política*. 2.ed., São Paulo: Expressão Popular, 2008.
- _____. *A sagrada família*. 1.ed. São Paulo: Boitempo, 2011.
- _____. Carta a Ludwig Feurbach (Paris, 11 de agosto de 1844). In Marx: *Escritos de Juventud*. México: Fondo de Cultura Econômica, 1987.
- _____. *Crítica da filosofia do direito de Hegel*. 2.ed., São Paulo: Boitempo, 2010a.
- _____. Glosas críticas ao artigo “Rei da Prússia e a reforma social. De um Prussiano”. In: *Lutas de Classes na Alemanha*. 1.ed., São Paulo: Boitempo, 2010b
- _____. *O capital: crítica da economia política : Livro I : o processo de produção do capital*. São Paulo: Boitempo, 2013.
- _____. *O capital: crítica da economia política : Livro III: o processo global da produção capitalista*. São Paulo: Boitempo, 2017.
- _____; ENGELS, Friedrich. *A ideologia alemã*. São Paulo: Boitempo, 2007.
- MÉZÁROS, Itsván. *A teoria da alienação em Marx*. São Paulo: Boitempo, 2016.
- MUSTO, Marcello. “Revisitando a concepção de alienação em Marx” In: DEL ROIO, M. (Org.). *Marx e a dialética da sociedade civil*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2014, v. 1, p. 61-94
- NETTO, José Paulo. Introdução: *O leitor de Marx*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.
- _____. Apresentação: Marx em Paris. In: MARX, Karl. *Cadernos de Paris & Manuscritos Econômico-Filosóficos de 1844*. São Paulo: Expressão Popular, 2015.
- _____. Da recepção dos Manuscritos de 1844. In: BRAZ, Marcelo. (Org). *Ensaio de um marxista sem repouso*. – São Paulo: Cortez, 2017.
- SÁNCHEZ VÁZQUEZ, Adolfo. *Filosofia da práxis*. 1 ed. – Buenos Aires: Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales – CLACSO; São Paulo: Expressão Popular, Brasil, 2007.